

## **Relato de Experiência Etnográfica na Comunidade de Matarandiba, Bahia**

### *Informe de Experiencia Etnográfica en la Comunidad de Matarandiba, Bahia*

**Joice Reis de Araújo<sup>1</sup>**  
**José Marcio Barros<sup>2</sup>**

#### **Resumo**

O relato aqui apresentado refere-se aos trabalhos desenvolvidos no contexto de uma pesquisa em desenvolvimento na comunidade de Matarandiba, Bahia, entre julho de 2019 e agosto de 2020. A investigação objetiva compreender como as concepções e práticas culturais tomadas como dispositivo simbólico contribuem para a sobrevivência identitária e representativa da comunidade. O trabalho de campo realizado se apresenta como tentativa de compreensão dos sentidos da reafirmação identitária por meio de eventos e festas na perspectiva de seus próprios idealizadores e organizadores. A experiência relatada diz respeito à convivência com a comunidade ao longo de oito meses, compreendendo doze manifestações culturais de diferentes matizes simbólicas.

Palavras-Chave: Diversidade Cultural; Etnografia; Identidade.

#### **Resumen**

El informe que aquí se presenta hace referencia al trabajo desarrollado en el contexto de una investigación en desarrollo en la comunidad de Matarandiba, Bahía, entre julio de 2019 y agosto de 2020. La investigación tiene como objetivo comprender cómo los conceptos y prácticas culturales tomados como dispositivo simbólico contribuyen a la identidad y supervivencia representativa de la comunidad. El trabajo de campo realizado es un intento de comprender los significados de la reafirmación de la identidad a través de eventos y fiestas desde la perspectiva de sus propios creadores y organizadores. La experiencia relatada se refiere a la convivencia con la comunidad a lo largo de ocho meses, que comprende doce manifestaciones culturales de diferentes matices simbólicos.

Palabras clave: Diversidad Cultural; Etnografía; Identidad.

## **1. Introdução**

O cenário representado pela comunidade de Matarandiba apresenta o valor que possui a diversidade cultural e os aspectos que a representam, demonstrados pela cultura, tradição, religiosidade, culinária, hábitos, estrutura social. Tornando visível a compreensão das

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pesquisadora do Observatório da Diversidade Cultural. E-mail: [joice.araujo.00@gmail.com](mailto:joice.araujo.00@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Prof. Do PPG em Artes da UEMG e do PPG em Cultura e Sociedade da UFBA. Coordenador do Observatório da Diversidade Cultural. E-mail [josemarciobarros2013@gmail.com](mailto:josemarciobarros2013@gmail.com)

diferentes expressões culturais e como elas podem definir as características individuais de um lugar, consolidando por sua vez as identidades em relação à multiplicidade de grupos sociais.

Partindo dessa compreensão, a pesquisa se consolida no seio de uma comunidade tradicional de marisqueiros (as) e pescadores (as), localizada na contracosta da Ilha de Itaparica, cuja organização comunitária culminou na criação de duas associações que passam a investir na reinvenção das manifestações culturais, integrando-as a um calendário festivo anual, cultivando expressões e simbolismos capazes de representar o presente em construção.

Parte-se do pressuposto de que “a diversidade cultural não se constitui como um mosaico harmônico, mas um conjunto de opostos, divergentes e contraditórios” (BARROS, 2008, p.18), podendo transforma-se em uma ferramenta para a consolidação de hegemonias ou num espaço de trocas projetadas pelo profundo desejo de conhecer o outro, tornando-se peça para desenvolvimento cultural ou entrave para sua promoção. Administrar e promover a diversidade torna-se, portanto, um dos grandes desafios do nosso tempo, exigindo abertura para diversas compreensões de mundo.

Diante do cenário, a pesquisa buscou compreender como as práticas culturais tomadas como dispositivo simbólico contribuem para a sobrevivência identitária, aprofundando o processo de autoconsciência desencadeado ao longo dos anos, em decorrência das atividades desenvolvidas pela comunidade. A compreensão das relações entre as expressões culturais e o processo de reconhecimento comunitário, e de como o modo de vida típico da vila se expressa através das expressões simbólicas, contribuindo por sua vez para a conservação e reinvenção do grupo, demandou a escolha da etnografia como método central de pesquisa.

## 2. Metodologia

A escolha pela abordagem qualitativa em seu caráter exploratório, abre espaço para que as particularidades e experiências comunitárias sejam estudadas. Deste modo, a pesquisa se insere no campo dos estudos etnográficos, permitindo o aprofundamento das atividades vividas com a comunidade. A escolha do método é um elemento que determina como será o processo de investigação da pesquisa. Uma “(boa) etnografia de inspiração antropológica não é apenas uma metodologia e/ou uma prática de pesquisa, mas a própria teoria vivida” (PEIRANO, 2008, p.3), permitindo a comunicação mediante a inserção e permanência no campo, acessando dessa maneira à vida da comunidade a partir do sentir, interpretando as emoções e experiências.

O desejo consciente em aprofundar os sentimentos parte do processo de afetação desencadeado pelo campo, onde através da observação participante, interesses e afetos são partilhados, muito embora as emoções experimentadas não possam ser comparadas àquelas sentidas pelos membros da comunidade, já que o campo de emoção e envolvimento é diferenciado, e por sua vez, incapaz de alcançar as sensações desenvolvidas pela comunidade.

O primeiro acesso foi estabelecido através conversas informais, comentários e observações sobre as experiências vividas, inquietações e contentamentos, criando pouco a pouco as condições para que as subjetividades fossem acessadas. Dessa maneira, fui obtendo a compreensão histórica da comunidade e sua relação com o entorno. Soma-se a esta ação, a realização de entrevistas semiestruturadas obtidas via *Whatsapp*, diante da alteração do

planejamento traçado em virtude da pandemia do novo coronavírus, que tornou impossível a realização de encontros presenciais. A tecnologia tornou-se uma aliada, pois através dessa modalidade, foi possível aprofundar aspectos latentes à vida comunitária que ainda não haviam sido abordados. As questões foram definidas em três temáticas: a organização cultural e a consolidação da identidade; a relação entre a cultura e a economia solidária e maneira como os membros da comunidade pensam que será o futuro de Matarandiba.

A experiência resultou na análise e interpretação dos dados compartilhados, somados à revisão de literatura produzida por autores referenciados e pesquisadores que aprofundaram em suas pesquisas estudos sobre a comunidade. Por fim, a análise de registros audiovisuais produzidos com a experiência no campo.

### **3. Experiência Etnográfica**

A pesquisa etnográfica permite que os sujeitos possam ser compreendidos dentro do contexto cotidiano. Neste sentido, entre julho de 2019 e agosto de 2020, foi realizado um estudo descritivo baseado nas observações feitas no campo, posteriormente utilizado como ferramenta na construção do texto da dissertação de mestrado intitulado “ Maré Vazante, maré cheia, sentidos e sentimentos da cultura em Matarandiba”. A expressão descrita explora a íntima relação da comunidade com o ambiente natural, cuja vida regida pela tábua de maré, é capaz de estruturar o cotidiano da comunidade.

Entre os meses de julho e agosto de 2019, ocorreu o período aproximação da comunidade. Essa etapa do trabalho é marcada pelo reconhecimento simbólico e afetivo do território existente por detrás da história de cada sujeito. Nela foram apresentados os empreendimentos econômico solidários da vila (a padaria sonho real, as associações, os viveiros de agroecologia, o Banco Ecosmar, a rádio A Voz da Terra, a agência de turismo comunitário – Vivertur, etc) as manifestações culturais e aqueles que são a memória viva do lugar, possibilitando o estabelecimento de uma conexão entre memória, desenvolvimento e cultura.

Após o momento de “demarcação”, insisto em períodos de maior permanência na comunidade, obtendo aos poucos a concessão para penetrar na vida cotidiana. O aprofundamento nas relações possibilitou maior aproximação dos sujeitos, permitindo que os modos de vida fossem compreendidos de maneira transparente. Com um olhar atento fui aos poucos percebendo a organização social, os atores que movimentam a cena, e os polos de disputa, tendo a oportunidade de conversar informalmente com as pessoas, me apresentando, explicando os motivos que me levaram à comunidade, minhas pretensões com a pesquisa e a metodologia escolhida. Torna-se diário o exercício em tentar construir relações onde os sujeitos possam dizer quem são, buscando trazer para as observações a identidade de cada um.

A participação nas doze manifestações/acontecimentos culturais ocorridos entre outubro de 2019 e fevereiro de 2020 marcou a segunda etapa da experiência. Essa fase foi marcada pela vivência e observação dos festejos calendarizados, iniciada com a versão mirim das manifestações culturais (Zé do Vale Mirim, Terno das Flores, Boi Janeiro, e samba os Filhos de Maria) no mês dedicado as crianças; seguido pelo Cozinhado das Mulheres em novembro; e a festa em honra a São Gonçalo nos dias 24 e 25 de dezembro. A passagem do ano é celebrada

com o Aruê quando o ano velho é enterrado, seguida pelo calendário de janeiro, onde são apresentados o Zé do Vale, o Terno das Flores, o Samba Voa Voa Maria, o Boi Estrela, e a Lavagem do Cruzeiro e a festa de Santo Amaro, padroeiro da comunidade, este ano reduzida devido à reforma da capela. As manifestações culturais são organizadas pelas associações, todavia, foge à regra a construção de um evento que vem ganhando notoriedade, o festival de música Gospel de Matarandiba, este conta apenas com respaldo dos fiéis convertidos da comunidade. A última manifestação cultural vivenciada foi o carnaval. A participação das manifestações ofereceu subsídios para a exploração da pesquisa, e as condições para perceber o impacto das expressões culturais na construção da identidade.

Após a realização do intenso trabalho de campo e com a ocorrência da pandemia do COVID19, a pesquisa foi complementada com entrevistas realizadas de forma remota.

#### 4. Resultados

O trabalho de campo, realizado por meio da observação participante, mostrou-se pré-requisito para uma compreensão dos processos de reconstrução e reafirmação identitária na perspectiva de seus próprios sujeitos. O grau de participação da comunidade na execução do calendário festivo e o desejo dos sujeitos em ocupar a cena vivida nas condições ordinárias ou extraordinárias do cotidiano, demonstra o desejo e a responsabilidade que os moradores possuem pela manutenção da vida local, assumindo no presente a responsabilidade pela proteção e promoção da cultura local pelas gerações futuras sem fechar as janelas da renovação, reconhecendo as dificuldades existentes no processo.

#### Referências

BARROS. José Márcio. **Cultura, mudança e transformação: a diversidade cultural e os desafios de desenvolvimento e inclusão**. Trabalho apresentado no III ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2007/JoseMarcioBarros.pdf> Acesso em 11 de outubro de 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: a arte de fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PEIRANO. Mariza. **Etnografia, ou a teoria vivida**. Ponto Urbe [Online], 2 | 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1890>. Acesso em: 12 de outubro de 2020.